

INFORMATIVO

Dezembro 2021, Janeiro e Fevereiro 2022

PET
Geo





NUSES/UEFS - MEC
UDESC/FAED



UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA

FAED

Centro de Ciências
Humanas e da Educação

Ano XXII Nº 110	Primeiro Trimestre de 2022	
	PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL PET GEO INFORMATIVO	

Nesta edição:

Editorial.....	3
De Olho no Programa.....	5
Políticas Locais.....	8
Artigo.....	12
PET indica	22
Eventos	26

ISSN: 1982-157X

<p style="text-align: center;">PET Geografia FAED/UDESC</p> <p>Expediente: Dezembro 2021, Janeiro e Fevereiro 2022.</p> <p><u>PETianas(os):</u> Ana Júlia Francisco Floriani, Beatriz Martins dos Santos, Camilla Compan Granaola Barcellos Coelho, Daniel Henrique Bruch, Emanuel Henrique Vozdik, Islas Levi da Rocha Barbosa, Juliana dos Anjos Pacheco, Lara Heloísa de Oliveira, Lis Fernanda Neuman Barreto, Luiz Vinicius Ramos da Silva, Marco Antônio Polli, Thiago Andrade Pereira, Thuany da Silva Costa e Vinicius Nogueira de Souza.</p> <p><u>Tutora:</u> Prof.^a Vera Lucia Nehls Dias.</p> <p><u>Edição:</u> Islas Levi da Rocha Barbosa, Lis Fernanda Neuman Barreto e Thuany da Silva Costa.</p> <p><u>Revisão:</u> Grupo PET-Geografia.</p> <p><u>Impresso:</u> pelo Grupo PET Geografia FAED/UDESC, em tamanho A4, fonte Times New Roman.</p> <p>Sugestões, reclamações, convites e opiniões: petgeoudescdrive@gmail.com</p>
--

Editorial

Por: Islas Levi da Rocha Barbosa

Prezadas(os) leitoras(es), é com imensa alegria que nós da equipe do PET Geografia da Udesc estamos lançando a primeira edição, do ano de 2022, do nosso Informativo. Após mais um ano em formato remoto, daremos início a um ano de mudanças e de possível retorno das atividades presenciais, seguindo as devidas normas de segurança e higiene, e claro, com a exigência do passaporte de vacinação contra a COVID-19.

Infelizmente, nesse período, o mundo vem passando por uma comoção e tensão, que é o crescente conflito entre Rússia e Ucrânia, onde o governo Russo invadiu o território ucraniano, causando espanto no mundo. A população ucraniana se encontra dividida, pois há territórios com maioria russa que querem independência e cerca de 40 mil ucranianos já pediram asilo à Rússia. Em contrapartida existem regiões anti-russas que têm lutado como podem frente a um poderio militar bastante superior russo. As agências internacionais de notícias têm adotado uma versão imperialista do conflito, que já teve como reação sanções econômicas à Rússia, fato desproporcional, pois em conflitos onde os Norte-americanos invadem países mais fracos não tiveram igual desfecho. Mesmo negando durante meses, o governo Russo começou a invasão, chocando governos do mundo inteiro, e a desculpa utilizada pelo presidente Vladimir Putin, inicialmente, foi de que a ação serviu para desmilitarizar a Ucrânia, visando uma prevenção de um ataque da OTAN, fato que não é dado como certo pelas agências. Em seguida, Putin acusou que a Ucrânia precisa de um movimento de "desnazificação", pois afirma que o atual presidente ucraniano Volodymyr Zelensky tem ligações com o movimento nazista. Fato contraditório, pois Zelensky é judeu. Ainda diz que esse movimento contra a Ucrânia é um ato de defesa, contra o movimento separatista da ucraniano.

O mundo aguarda o desfecho desse conflito, na esperança de que a paz prevaleça, porém não há indícios de um recuo do exército russo, e os outros países da OTAN começam a se movimentar, o que provavelmente resultará em um conflito devastador.

Já no Brasil, as notícias são desanimadoras em relação ao nosso governo atual, onde ainda em 2022 há grande resistência por parte do presidente em incentivar a vacinação e com

as facilitações e flexibilização das leis de proteção ambiental. Por sorte, 2022 é ano de eleição e há uma chance enorme de a população sonhar com um país melhor e livre do governo negacionista e genocida que vem destruindo a moral e a paz da população.

Referências:

SANCHES, Mariana. Desnazificação e genocídio: a história por trás da justificativa de Putin para invasão da Ucrânia. **BBC News**. 25 de fev. de 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60518951>. Acesso em: 01 de mar. de 2022.

Notícia. Invasão da Ucrânia: o que Putin quer com a ofensiva russa?. **BBC News**. 24 de fev. de 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60514952>. Acesso em: 01 de mar. de 2022.

De Olho no Programa

Por: Thuany da Silva Costa

No primeiro dia do mês de dezembro ocorreu uma *live* do projeto PET Convida – Transversalidades, com o tema: “A Energia Eólica no Rio Grande do Sul, 20 anos atrás e hoje. Depois do início, qual a situação atual?”. A *live* contou com a participação do convidado Guillaume Leturcq, e está publicada no nosso canal do Youtube, o PETGeoTube.

A última edição de 2021 do projeto Astronomia para Todos, foi publicada no primeiro dia de dezembro no nosso perfil do Instagram, contando com nove cards com o tema: “Cometas”, onde aprofundamos sobre como eles são formados e suas diferentes nomenclaturas.

Através de postagens na nossa rede social, realizamos as atividades do Pet Indica, tendo como última indicação literária do ano de 2021 dois livros do falecido escritor e jornalista uruguaio, Eduardo Galeano. Sendo que o primeiro livro indicado foi: “Dias e Noites de Amor e Guerra”, que traz relatos do terror étnico e político vividos nos anos de Chumbo na América Latina, e de segunda recomendação tivemos o livro de memórias pessoais do Galeano, “O Livro dos Abraços”.

Como última indicação de *Podcast*, recomendamos o “Quem Lê Tanta Notícia”, um programa original do Spotify (Brasil) apresentado pela escritora Tati Bernardi, a psicanalista Vera Iaconelli e o advogado Thiago Amparo. Quanto às últimas recomendações musicais, tivemos o álbum: “Kaya N'gan Daya”, lançado por Gilberto Gil em 2002, em homenagem a Bob Marley, e o “Vengo”, da cantora Ana Tijoux, que aborda questões sociais e ambientais. Como última indicação audiovisual, recomendamos duas séries, a primeira “Merlí”, lançada em 2015 e finalizada em 2018, possuindo um total de três temporadas em que acompanhamos um grupo de jovens e seu professor de filosofia em uma escola pública da Catalunha (Espanha). A segunda, é uma produção original da Netflix, “Sense8”, indo ao ar no mesmo período que “Merlí”, mas com apenas duas temporadas. A série conta sobre um grupo de oito pessoas que possuem suas mentes conectadas, um dom conhecido como “sensate”.

Ainda em dezembro, contamos com a última publicação trimestral de 2021 do nosso Informativo, referente aos meses de Setembro, Outubro e Novembro – sendo divulgado com um *post* no nosso perfil do Instagram.

O lançamento do nosso último *Podcast* do ano de 2021, deu visibilidade para questões ligadas à campanha do Outubro Rosa e do Novembro Azul, tivemos como convidada a enfermeira Simone A. Goedert Costa para abordar tais temas, dando enfoque para a importância dos exames preventivos e da importância do tratamento que é ofertado pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Em seguida, no mesmo mês, a petiana Lis participou da Feira Artística da Ocupação Anita Garibaldi, que ocorreu durante um final de semana, onde ela ofereceu cortes de cabelo gratuitos para os moradores da ocupação, e cobrou apenas um valor simbólico daqueles que estavam participando do evento, posteriormente doando todo o dinheiro arrecadado para a ocupação. Nos meses consecutivos, o Grupo PetGeo vem tentando dar visibilidade às pautas dos movimentos sociais, compartilhando as demandas das ocupações nas nossas redes.

O projeto de ensino, “Trilhas & Trilhos” (T&T), que tem como objetivo proporcionar aos estudantes do curso de Geografia da FAED/UDESC uma formação acadêmica mais ampla, levando a base teórica da sala de aula para a prática em campo a partir de viagens anuais, sejam elas internacionais ou nacionais, teve que se adaptar ao cenário pandêmico da COVID-19. E com a intenção de aperfeiçoar as próximas edições, fizemos um questionário para os docentes da UDESC, e publicamos suas opiniões com *cards* explicativos no Instagram. Os docentes Ricardo Devides, Guilherme Linheira e Ana Preve compartilharam de comentários positivos quanto à realização do projeto.

Para fechar o mês de dezembro, realizamos a avaliação interna dos bolsistas e da tutora, dando continuidade com as reuniões administrativas duas vezes por semana de forma remota.

Com o início do ano de 2022, o grupo PetGeo UDESC se reuniu para elaborar o planejamento anual dos projetos e pesquisas, coletivas e individuais, onde se decidiu os responsáveis por cada atribuição, bem como o mês para realização de cada atividade.

Em janeiro temos a realização do PETGeoCast, o primeiro *podcast* do ano de 2022, sendo que o tema é: "Sustentabilidade, Oportunidade de Negócios e o Papel do Geógrafo

Neste Novo Mundo”, e conta com a participação da convidada Gisele Batista, que é consultora em ESG, responsabilidade social, mentora empresarial e pessoal, colunista de sustentabilidade, palestrante em mercado de carbono, economia circular, Agenda 2030-ODS e inovação.

Ainda em janeiro, o projeto PETGeoGuia contou com a realização de mais uma trilha, a Trilha do Gravatá, localizada em Laguna, no Estado de Santa Catarina, dando conta da demanda dos projetos de extensão. No mês consecutivo, foi feita a divulgação da realização da trilha via *cards* explicativos no Instagram.

Políticas Locais

Por: Thuany da Silva Costa

Durante os meses de dezembro, janeiro e fevereiro, a Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) estava funcionando de modo semipresencial, tendo em vista o período pandêmico de Covid-19 no qual vivemos. No final de dezembro de 2021, durante uma reunião entre o reitor em exercício da universidade, Luiz Antonio Ferreira Coelho, e todos os diretores-gerais dos centros de ensino, e com base nas resoluções do Conselho Universitário (Consuni), foi determinada a tão esperada retomada 100% presencial dos alunos a partir do início do primeiro semestre letivo de 2022. De acordo com o [calendário acadêmico](#), o início do semestre letivo para a graduação será em 28 de março e o término, em 30 de julho, enquanto o período letivo da pós-graduação iniciará entre 1º de fevereiro, conforme o cronograma dos programas, e terminará em 4 de julho. Ou seja, voltaremos ao cronograma normal com dois semestres letivos neste ano, sendo que a conclusão será em dezembro.

Em janeiro de 2022 contamos com o vestibular de verão da Udesc com quase 1,3 mil vagas em 52 cursos de graduação, batendo o recorde de inscrições pelo processo seletivo especial – no qual os candidatos são selecionados pela nota do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) ou pelo histórico escolar. Foram 9.894 inscritos, nos 52 cursos disponíveis, em 12 cidades catarinenses, os aprovados ingressam no primeiro semestre letivo de 2022, evidentemente que de forma presencial. Aqueles que foram aprovados pelo Sistema de Seleção Unificada (Sisu), do Ministério da Educação (MEC), por meio da nota do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), deverão realizar sua matrícula entre os dias 24 de fevereiro e 2 de março, atendo-se ao que está previsto no [edital de matrícula](#).

Ainda no âmbito acadêmico, no dia 13 do mês de dezembro a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) [chancelou a indicação](#) do Geoparque Caminho dos Cânions do Sul como Geoparque Mundial da Unesco. No mês anterior o professor Jairo Valdati (vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental (PPGPlan), do Centro de Ciências Humanas e da Educação (Faed), da Udesc), e a pós-doutoranda Maria Carolina Villaça Gomes, estiveram presentes na missão da Unesco para avaliação do geoparque. Os

pesquisadores acompanharam a equipe técnica do Geoparque, dois avaliadores da Unesco, junto com os profissionais do Serviço Geológico do Brasil (CPRM), pesquisadores da Universidade do Contestado (UnC) e da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc) e lideranças dos sete municípios.

Saindo do meio acadêmico, acompanhamos a saga para a revisão do Plano Diretor de Florianópolis implementada pela prefeitura municipal, o atual é de 2014. Assistimos o próprio Ministério Público de Santa Catarina (MPSC) expedir uma recomendação ao Município de Florianópolis para que sejam realizadas audiências públicas que são necessárias para revisão e elaboração da alteração do Plano Diretor. No entanto, presenciamos algumas polêmicas com relação a realização dessas audiências públicas, sendo que uma delas diz respeito aos dias e horários em que a prefeitura marcou tais audiências, todas na mesma data e horário. Posteriormente, o MPSC questionou a realização das audiências de forma simultânea e apresentou à Justiça um pedido de suspensão dessas reuniões. Um dos argumentos levantados contra a realização simultânea dessas audiências é o de que quem possui imóveis em dois bairros da cidade não poderia participar das discussões nas duas localidades, rompendo com o processo da diversidade territorial e da possibilidade de participação dos outros segmentos da sociedade, ou seja, estaria ferindo o Estatuto da Cidade que prevê tais condições.

Após o vazamento de um áudio atribuído a Ângelo Arruda, vice-presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil de Santa Catarina (IAB-SC), as polêmicas em relação às audiências públicas aumentaram nas redes sociais. No áudio Ângelo sugere um processo mais acelerado, com duas audiências por dia, dentro de uma mesma semana. Ele ainda sugeriu que as audiências ocorressem em janeiro, período de recesso dos vereadores, no qual não haveria tantos debates em relação às propostas de revisão. O arquiteto confirmou em uma reportagem a autoria do áudio, mas ele negou que estivesse propondo uma forma de haver menor participação popular na discussão do Plano Diretor.

No geral, constatamos que o Plano Diretor do prefeito Gean Loureiro traz propostas com base nos interesses de uma parcela muito pequena de empreendedores da construção civil da cidade e não dos interesses de todos os cidadãos. É por isso que existe essa tentativa de se aprovar a revisão do Plano Diretor de forma apressada, para que a população não tenha

o conhecimento de como isso afetaria a realidade espacial dela, sem que haja um debate aberto sobre as consequências dessas mudanças.

Entrando um pouco no mérito das propostas do novo Plano Diretor de Florianópolis em si, ele viria permitir obras mais altas e com maior ocupação nos bairros da Capital. Essas obras seriam permitidas a partir do momento em que houvesse um investimento na construção de praças, alargamentos de ruas, preservação ambiental, entre outros critérios que estão definidos em uma lista de incentivos. Ou seja, essa política de incentivo funcionaria como uma moeda de troca, os benefícios seriam cumulativos e não possuem um limite muito bem pré-estabelecido ainda.

Com relação à mobilidade, a Prefeitura de Florianópolis passou a oferecer a chamada “Tarifa Vai e Vem” que entrou em vigor no dia 25 de janeiro de 2022. Com isso, os passageiros do transporte público poderão utilizar os ônibus durante três horas pagando apenas uma passagem em dias úteis. Outra ação tomada foi o “Domingo na Faixa”, todo último domingo do mês a tarifa será zero para o uso do transporte coletivo em Florianópolis. Houve também uma redução do valor da passagem de ônibus, ficando R\$1,00 mais barata fora dos horários de pico, sendo os horários com desconto: das 9:00 às 11:00, das 14:00 às 16:00 e das 20:00 às 24:00. Durante o mês de fevereiro, a prefeitura vem implementando o “Sistema Pague Fácil”, no qual tem como intuito facilitar o pagamento da passagem do transporte coletivo, passando a aceitar *pix*, cartão de crédito e débito, e carregamento online do cartão de transporte.

Durante o mês de fevereiro, os servidores públicos municipais e da Comcap (Companhia de Melhoramentos da Capital) entraram em greve por um período de oito dias, afetando a limpeza urbana e o atendimento em creches, escolas e unidades de saúde. A greve ocorreu em defesa do cumprimento do Acordo Coletivo — já mencionado em outras edições do nosso informativo, e contra a terceirização da coleta de lixo. Nesse ínterim, o lixo se acumulou em bairros como Serrinha, Monte Cristo, José Mendes, Mont Serrat, Trindade e Morro do Horácio onde se registraram sacos de resíduos espalhados nas calçadas e em caçambas.

Posteriormente, a Comcap firmou um acordo em uma audiência de conciliação realizada no Tribunal de Justiça de Santa Catarina e contou com representantes da prefeitura de Florianópolis e do Sintrasm (Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Municipal de Florianópolis), em que o acordo coletivo de setembro foi renovado até novembro. A cláusula sobre terceirização segue em discussão no Judiciário. Com relação aos professores municipais, a prefeitura vai pagar o reajuste pelo piso nacional na próxima folha aos servidores que ainda não receberam. Para os demais servidores, a prefeitura se comprometeu a pagar, no próximo salário, a primeira parcela do Plano de Carreira.



Figura 1: Registro fotográfico da assembleia que determinou o fim da greve dos servidores em Florianópolis —

Fonte: Sintrasm/Divulgação

Artigo

A LUTA E A RESISTÊNCIA EFETUADA PELOS POVOS ORIGINÁRIOS

GABRIEL DE OLIVEIRA HERMENEGILDO

Resumo: Este ensaio foi desenvolvido na disciplina de História Indígena do curso de História da FAED/UDESC, ministrado por Luisa Tombini Wittman. Ele irá abordar, a partir da biografia de lideranças indígenas, a luta desses pelo reconhecimento da terra. Além disso, fará comparações sobre a ideologia do “homem branco” e dos povos originários. Irá também tratar que certos pensamentos sobre as comunidades indígenas estão propostos de maneira equivocada. Do mesmo modo, será abordado a riqueza cultural, apresentando ao leitor a grande diversidade de crenças existentes no território nacional. Apontar os crimes efetuados contra a sociedade indígena, em toda a sua história, elencando fatos que ainda ocorrem, ataques contra os povos originários, em prol da ambição. Por fim, trazer a reflexão sobre como os povos originários são tratados no território brasileiro, pelos não-indígenas.

Palavras-chave: Cultura Indígena, Preconceito Racial, Resistência.

Abstract: The theoretical essay will address, based on the indigenous leaders' biography, the indigenous struggle for land recognition. In addition, it will make comparisons about the ideology of the "whiteman" and the native people. It will also show the reader that certain thoughts we have about the indigenous communities, are correctly proposed. In the same way, cultural richness will be addressed, presenting to the reader the great diversity of beliefs that exist in the national territory. Pointing out the crimes committed against indigenous society throughout its history, listing facts that still occur against native people, for the sake of ambition. Finally, bring the reader to reflect on how the native people are treated in the Brazilian territory, by non-indigenous people.

Keywords: Indigenous Culture, Racial Prejudice, Struggle.

Introdução

O ensaio traz primeiramente o histórico da resistência dos povos originários em relação a outras culturas. Mostrando que muitos indígenas lutaram pelo seu povo contra os colonizadores, fato que não é apresentado nos livros escolares. Após isso, para enriquecer o contexto histórico insere-se a provocação de Ailton Krenak, na ocasião da bienal de São Paulo, para um público bastante expressivo sobre o conceito da palavra “índio”, onde a liderança indígena suscita grande reflexão; causando espanto repentino do público e consequentemente a mudança na percepção enraizada de muitos presentes sobre a origem dos povos originários. Após isso, traz-se discussão sobre os apontamentos de David Kopenawa, cujo objetivo é apresentar as diferenças na cultura, pensamento e ambições do “homem branco” em relação aos povos originários.

O ensaio tem também o intuito de relatar a prática de pintura efetuada pela comunidade huni kuin. Retrata-se a sua história, suas vivências, seu aspecto cultural, político e o caminho que o povo huni kuin traçou para que sua arte fosse tombada como patrimônio cultural, pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

O CHOQUE CULTURAL DO POVO ORIGINÁRIO EM RELAÇÃO AO EUROPEU

Quando abrimos os livros didáticos de história, na maioria das vezes deparamos com a seguinte informação: “O Brasil foi descoberto em 1500, pelos portugueses”. Pode-se dizer que esta afirmação seria aceitável se não fosse a frase “descoberto em 1500”. Contrapondo-se a esta afirmação, se pode dizer que o território brasileiro existe muito antes de 1500; mas em razão dos povos originários possuírem a fonte oral como principal fonte de comunicação não há um documento anterior ao de Pero Vaz de Caminha, demonstrando a chegada de outros povos em contato com os originários. “A feição deles é serem pardos, de maneira avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto” (Pero Vaz de Caminha apud CORTESÃO, 2003, p.3). O território era vasto e cheio de culturas, costumes e crenças diferentes. Nesse cenário, o português para aumentar rapidamente o seu domínio, transformou a diversidade étnica nascente da região em um só grupo, contexto este onde os marinheiros designaram a nomenclatura de índio. Assim foi mais “fácil”, controlar o excesso de habitantes daquela vasta área.

Ailton Krenak, grande liderança indígena, reconhecido nacional e internacionalmente aponta em seu livro “Ideias para Adiar o Fim do Mundo”, a visão do contato do povo europeu com os nativos. Ele retrata pormenorizadamente como foi o contato do homem branco europeu com os povos originários e as consequências obtidas a partir desse primeiro contato:

“O simples contágio do encontro entre humanos daqui e de lá fez com que essa parte da população desaparecesse por um fenômeno que depois se chamou epidemia, uma mortandade de milhares e milhares de seres. Um sujeito que saía da Europa e descia numa praia tropical largava um rastro de morte por onde passava. O indivíduo não sabia que era uma peste ambulante, uma guerra bacteriológica em movimento, um fim de mundo; tampouco o sabiam as vítimas que eram contaminadas. Para os povos que receberam aquela visita e morreram, o fim do mundo foi no século XVI.” (KRENAK, 2019, p.34).

A partir do trecho acima, percebe-se o objetivo de cada uma das culturas, através do contato. Os portugueses, ao chegarem no Brasil, mais precisamente em Porto Seguro (BA), iniciaram por fincar a cruz e celebrar a primeira missa, mostrando de maneira intrínseca uma nascente de domínio sobre a população nativa. No que lhes concerne, os povos originários não davam tamanha importância para a riqueza que ali avistaram, pois, os indígenas não sabiam o que era a palavra “ambição”. Então efetuaram o corte da madeira em troca de objetos como, por exemplo: espelhos, maquiagens, lanças, etc., algo que não possuía valor algum se comparado ao tesouro da tinta vermelha retirada do Pau-Brasil.

David Kopenawa, outra importante liderança indígena no nosso país, retrata no seu livro “A Queda do Céu”, como foi na sua visão, o contato das culturas distintas. Para Kopenawa, a real “queda do céu”, começa a partir do momento em que seus ancestrais conhecem o homem branco.

“Somos habitantes da floresta. Nossos ancestrais habitavam as nascentes dos rios muito antes do nascimento dos antepassados dos brancos. Antigamente, éramos realmente muitos e nossas casas eram muito grandes. Depois, muitos dos nossos morreram quando chegaram esses forasteiros com suas fumaças de epidemias e suas espingardas. Ficamos tristes, e sentimos a raiva do luto demasiadas vezes no passado. Às vezes até tememos que os brancos queiram acabar conosco. Porém, a despeito de tudo isso, depois de chorar muito e de pôr as cinzas de nossos mortos em esquecimento, podemos ainda viver felizes. Sabemos que os mortos vão se juntar aos nossos fantasmas de nossos antepassados nas costas do céu, onde as caças é abundante e as festas não acabam. Por isso, apesar de todas esses lutos e prantos, nossos pensamentos acabam se acalmando. Somos capazes de caçar e de trabalhar de novo em nossas roças.” (KOPENAWA, Davi. 2015, p.78/79).

Kopenawa, assim como Ailton Krenak, mostra o quanto o contato entre as culturas foi prejudicial para os povos originários. O conceito de índio, por exemplo, foi criado pelos navegadores, em que na sua percepção estavam nas índias ocidentais e por isso, a comunidade presente, eram todos “índios”. Termo este que perdura até meados do século XXI.

O TERMO ÍNDIO, COMO DEFINIÇÃO DE UM POVO

Começo este novo item com trechos de uma palestra ministrada por Daniel Munduruku, na 32.^a Bienal: Programa de Encontros no Museu de Arte de São Paulo (MASP). Nesta, o palestrante provoca a população presente com a seguinte afirmação: não existem índios no Brasil!

Daniel Munduruku: E eu diria mais a vocês: não existem índios no Brasil.

Público: Ooooooh!!

Daniel Munduruku: Muito bem! Vocês aprenderam rápido. [risadas no público]

Daniel Munduruku: Brincadeiras à parte, quando eu faço essa afirmação, as pessoas ficam realmente impactadas, porque já está muito registrado na cabeça delas que, por causa da minha aparência, eu sou um índio. Mas não é assim que eu me vejo. E não é assim que eu vejo as populações ancestrais do Brasil. O que vocês estão vendo, na verdade, é uma imagem que foi sendo produzida ao longo do tempo. Resolveram nos batizar, ou melhor, nos apelidar, por essa palavrinha, que é maldita. Não só maldita no sentido da maldição, mas também no sentido do dizer mal. É uma palavra que manifesta uma determinada postura das pessoas com relação à minha pessoa. Por isso eu digo que é um apelido que nos colocaram. Não sabiam como nos chamar e disseram que nós éramos os tais dos índios, porque erraram o caminho para chegar às Índias – essa conversa que todo mundo já conhece e que acabou determinando que os habitantes dessas terras se chamariam índios. Correto? E além de ser uma história mal contada, a palavra índio não significa absolutamente nada. (MUNDURUKU, 2016).

O espanto da plateia é notório, evidenciando que o objetivo de Daniel Munduruku foi alcançado. A reação gerada denota traços de uma educação recebida com um modelo prototípico do indígena, sempre nu, selvagem, como exposto nos materiais didáticos. Sendo ensinado de geração em geração, a denominação da palavra “índio” aos povos originários, mostrando às crianças coisas distorcidas e passadas, incorrendo no risco de formar adultos sem nenhum conhecimento sobre os verdadeiros donos da terra. Pode-se citar exemplos distorcidos encontrados em sala-de-aula atualmente, quando o educador(a) se refere aos

indígenas dessa maneira: “os índios vivem em ocas, não possuem contato com a civilização, andam pelados e não possuem tecnologia”, podendo com isso, contribuir com a formação do chamado preconceito racial desde cedo na cabeça dos pequenos.

Contudo, os povos originários se transformam da mesma forma que os povos não indígenas. Nas comunidades indígenas já existem luz, energia, água encanada, ‘internet’. Muitos sabem ler em português, entraram em faculdades, alguns até se tornaram grandes referências nacional e mundial através da sua luta de resistência contra os não indígenas. A exemplo disso, destacamos, o grafismo da cultura Huni Kuin,

A ARTE EFETUADA PELO GRUPO HUNI KUIN

Antes de falar da arte realizada pelo povo huni kuin, faz-se oportuno apresentar características da história deste povo indígena. Para isto, se traz à discussão alguns apontamentos efetuados por Leandro Ribeiro do Amaral. Dentre vários aspectos relevantes, destacam-se as principais características desta comunidade.

Os huni kuin, autodefinição que em sua língua significa “gente verdadeira”, constituem a população indígena mais numerosa no estado do Acre. Com 7.567 mil pessoas distribuídas em (12) terras indígenas. Falam o Hatxa Kuin (“língua verdadeira”), do tronco linguístico Pano, o maior tronco linguístico entre os povos indígenas do Acre. Também são amplamente conhecidos pelo nome Kaxinawá, etnônimo dado por outros grupos Pano que significa “gente morcego” (AMARAL,2014,p.27)

Amaral reflete acerca da comunidade, que possui uma quantidade significativa de pessoas como também a diversidade das pessoas pertencentes ao mesmo grupo. Possuem seu próprio dialeto, crença e cultura. Fatores estes bem comuns entre as comunidades indígenas até a chegada dos colonizadores. Ao observar o significado da sua linguagem e a definição do seu povo, compreende-se que os huni kuin, preocupam-se muito com o sentido da verdade; levando ao fato de que a sua língua Hãtxa possui como significado “a língua verdadeira” e o seu grupo ser chamado por outras comunidades de Kaxinawa, tendo como significado, a definição de “povo verdadeiro”. Povo este, que segundo Amaral: “viviam na região da Amazônia sul ocidental “brasileira”. Devido à exploração violenta do látex, no período do final do século XIX e início do século XX. Causaram impactos irreversíveis para as primeiras comunidades kaxinawá, obrigando a comunidade a transferir-se para o

Acre”.(AMARAL,2014). Contudo, a comunidade kaxinawá conseguiu se reerguer e hoje é reconhecida no Brasil e no mundo, através da sua arte.

A arte elaborada pelo povo huni kuin, possui uma crença mística, através dos seus desenhos, ocorrendo um processo de tradição no que visa a formação das tintas, figura geométrica desenhada no rosto das pessoas, entre outros atributos. Tal processo criativo se chama arte Kene Kuin.

A arte Kene Kuin, que na língua Hãtxa Kuin significa “desenho verdadeiro”, é uma expressão gráfica de suma importância para os huni kuin. Segundo a história de origem dos desenhos contada pelos Huni Kuin, o conhecimento agenciado pelos desenhos foi ensinado a uma mulher Huni Kuin por Yube, a jibóia encantada, que ocupa lugar de destaque na cosmologia deste povo. Os múltiplos padrões gráficos e geométricos do “desenho verdadeiro” são utilizados na pintura corporal e numa gama variada de objetos, como em produtos de cerâmica, palha tecelagem, e adornos feitos com miçangas. Importa observar desde já, que a mulher Huni Kuin é a detentora / utilizadora do conhecimento sobre a arte gráfica Kanekin (AMARAL, 2014, p. 18).

Um fator a ser considerado nesse contexto é o protagonismo das mulheres, na prática das pinturas. Somente o gênero feminino pode desenhar os membros da comunidade, devido ao fato da primeira pessoa a possuir contato com as figuras geométricas ter sido uma mulher. Liderança de mulheres é algo historicamente raro no universo indígena.

Figura I: Indígena Huni Kuin com a arte tradicional.



Fonte: Amir Leron, Pinterest.

Disponível em: <https://pin.it/49kFAmQ>.

Figura 2: Indígena Huni Kuin realizando o processo de pintura.



Fonte: Nawabare.

Disponível em: www.nawabare.com.br/philosophy.

Os semblantes elaborados pela comunidade kaxinawá são únicos e têm o potencial de impressionar qualquer pessoa ao deparar-se com esta obra de arte. Por conta disso, a comunidade kaxinawa expandiu sua arte do corpo para as telas, alcançado um público mais amplo. Amilton Pelegrino Mattos, em seu artigo, O sonho de nixipae. A arte de MAHKU-MOVIMENTO DOS ARTISTAS HUNI KUIN, relata o processo de como o grupo MAHKU(movimento dos artistas Huni Kuin, coletivo de artistas e associação), tornou o sonho da sua exposição uma realidade. “Mais importante que nossa projeção para fora da aldeia e do país, essa primeira exposição internacional projetou-nos para dentro. Reunimo-nos na aldeia em agosto de 2012 e criamos o MAHKU(movimento dos artistas Huni Kuin, coletivo de artistas e associação)”(MATTOS, 2015,p.63.). O movimento MAHKU, foi de extrema importância para que o IPHAN tornasse no ano de 2006 a arte hunikui patrimônio brasileiro. “No ano de 2006 foi assinado um documento por representantes do “povo kaxinawá” reivindicando ao presidente do IPHAN (...) o registro de kenê, pintura corporal e arte gráfica kaxinawá,como Patrimônio cultural brasileiro” (AMARAL, 2014, p.56).

Figura 3: Pintura realizada pelo grupo MAHKU.



Fonte: Select Art.

Disponível em: select.art.br/mahku-e-o-mito-do-surgimento-do-nixi-pae/.

Considerações Finais

Compreende-se que a luta de resistência dos povos indígenas se fez em prol da manutenção de sua identidade. Diariamente, ocorre alguma espécie de luta entre indígenas e não indígenas, sobretudo com os fazendeiros. O principal objetivo desse conflito foi, é e será em torno da terra, uma vez que, muitas das terras dos fazendeiros se aproximam das comunidades indígenas. Outro ponto a ressaltar é que não existe diálogo entre esses grupos, o que ocorre é uma intensa luta seguida de inúmeras mortes, e, na maioria das vezes, os povos originários têm muito mais baixas que os brancos.

David Kopenawa, no texto *A Queda do Céu* mostra como o homem branco foi mudando a sua relação com os povos originários e a forma de tratamento não contou com o apaziguamento, continuando a ser uma relação árdua entre os dois grupos.

No começo, seduzidos pela beleza da floresta, mostraram-se amigos de seus habitantes. Em seguida, começaram a construir casas. Foram abrindo roças cada vez maiores, para cultivar seus alimentos, e plantaram capim por toda parte, para o seu gado. Suas palavras começaram a mudar. Puseram-se a amarrar e a açoitar as gentes da floresta que não seguiam as palavras. Fizeram-nas morrer de fome e cansaço, forçando-as a trabalhar para eles. Expulsaram-nas de suas casas para se apoderar de suas terras. Envenenaram sua comida, contaminaram-nas com suas epidemias. Mataram-nas com suas espingardas e esfolaram seus cadáveres com facões, como caça, para levar as peles para seus grandes homens. Os xamãs conheciam todas essas antigas palavras. Tinham-nas ouvido ao fazer dançar a imagem desses primeiros habitantes da floresta.(KOPENAWA, 2015, p.24).

A luta segue sendo nestes parâmetros o que mudou foram os personagens, mas a causa ainda é a luta pelas terras e a retirada das suas riquezas. Os não indígenas, em pleno século XXI, não dão visibilidade à causa indígena. Contudo, como mostra Aílton Krenak: “Ainda existem aproximadamente 250 etnias, com mais de 150 dialetos diferentes espalhados pelo Brasil, possuindo grande concentração na região norte do país” (KRENAK, 2019). Por mais que seja menos da metade do que existira nos anos de 1500, este número significativo mostra que mesmo as comunidades indígenas possuindo intensos conflitos em prol da sobrevivência, continuam lutando em prol da sua identidade. Encerra-se este breve ensaio com a reflexão que além de causar estarecimento, preocupa remete à máxima: “quem eram de fatos os povos civilizados” ?

Referências Bibliográficas

AMARAL, Leandro Ribeiro do. Patrimônio cultural e a garantia de direitos intelectuais indígenas: construção de sentido a partir da experiência Huni Kuin/ Leandro Ribeiro do Amaral – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014.

ALMEIDA, Regina Celestino de. "O lugar dos índios na história: dos bastidores ao palco". In.: Os índios na História do Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2010, p. 13-28;

CORTESÃO, J. Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel sobre o Achamento do Brasil. Texto integral. São Paulo: Martin Claret, 2003.

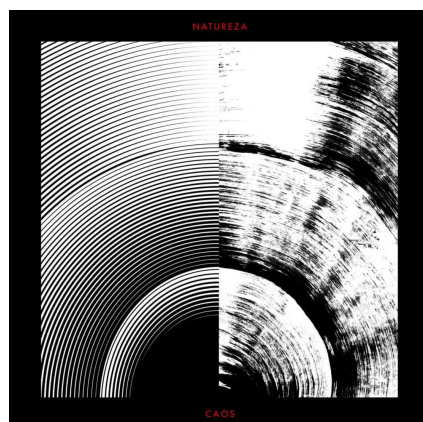
MATTOS, Amilton Pelegrino. O sonho do nix pae. A arte do MAHKU–Movimento dos

Artistas Huni Kuin. ACENO: Revista de Antropologia do Centro-Oeste, v. 2, n. 3, p. 59-77, 2015.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KOPENAWA, Davi. A Queda do Céu. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

PET Indica



Música: Natureza Caos - Fresno

Descrição: Música da banda brasileira Fresno, natural de Porto Alegre - RS. A música traz elementos de hard rock com eletrônica, causando uma mistura impactante e com os pesos das guitarras. A letra reflexiva vem com pontos de autoconhecimento e união. A música está presente no álbum “Sua Alegria Foi Cancelada” de 2019, e está presente nos principais streamings.

Gênero: Alternative/Indie



Podcast: Choque de Cultura - Ambiente de Música

Descrição: Após o sucesso do programa Choque de Cultura, no YouTube, onde era abordado os temas como filmes e séries de sucesso, finalmente veio aí um programa exclusivo para a música, com os apresentadores do programa original. No podcast “Choque

de Cultura - Ambiente de Música”, os apresentadores mostram que o rock nacional não está morto, “*talvez em decomposição*” e que música é cultura. O podcast está disponível no Spotify.

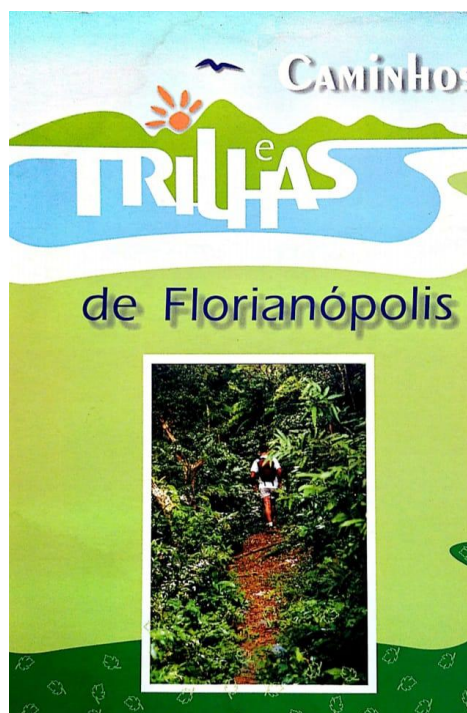


Filme: Matrix: Resurrections

Descrição: Após 18 anos desde o desfecho da trilogia original de Matrix, o filme ganhou um novo capítulo em 2021. Com o retorno da diretora Lana Wachowski e dos astros Keanu Reeves e Carrie-Anne Moss como Neo e Trinity, Matrix: Resurrections traz uma crítica sobre o modo de vida e sobre conexões de relações nos dias atuais, com a crescente das redes sociais e como isso afeta a saúde mental da população, além de uma crítica pessoal da diretora ao mercado audiovisual e as grandes empresas do mundo cinematográfico de Hollywood.

Gênero: Ficção Científica/Ação

Ano: 2021



Livro: Caminhos e Trilhas de Florianópolis

Autor: Augusto Cesar Zeferino e outros

Descrição: O livro é resultado de uma pesquisa feita em conjunto entre a Prefeitura de Florianópolis e o IPUF, onde foi feito um mapeamento das trilhas e caminhos que estão registrados na ilha de Santa Catarina. O livro traz suas localizações, informações técnicas e características geográficas de cada trilha e caminho, além de indicações de vestimentas e de o que levar para fazer essas trilhas e caminhos.

Ano: 2001

Eventos

Evento: Congresso Nacional de Práticas Interdisciplinares e Sustentabilidade

Data: 03 a 05 de março de 2022

Tema do evento: A proposta do Congresso Nacional de Práticas Interdisciplinares e Sustentabilidade, é possibilitar o diálogo, interdisciplinar, entre coletivos, profissionais, docentes, pesquisadores e organizações que estejam atuando em favor da pretensa sustentabilidade, fomentando mudanças e avanços conceituais e teóricos, estratégias e recursos inovadores, relatos de experiência e perspectivas futuras para as práticas em educação, turismo e Ciências Ambientais.

Local: Plataforma online

Para mais informações sobre o evento acesse:

<https://www.even3.com.br/conpis/>

Evento: XX Encontro Nacional de Geógrafas e Geógrafos

Data: De 20 a 24 de julho de 2022

Tema do evento: A proposta trazida pela Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) é a de discutir o "Brasil-Periferia: a Geografia para resistir e a AGB para construir", onde se procura aprofundar mais nas conjecturas atuais e na condição periférica brasileira.

Local: Plataforma Online

Para mais informações sobre o evento acesse:

<https://www.eng2022.agb.org.br/site/capa>

Evento: Lançamento do Livro “Biblioteca Escolar: entre livros, descobertas, refúgio e abandono”

Data: 11 de março de 2022

Tema do Evento: A professora Eliane Fioravante, docente voluntária do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação (PPGInfo), do Centro de Ciências Humanas e da Educação (Faed), da Udesc, lançará seu livro que trata sobre a importância das bibliotecas escolares.

Local: Biblioteca de Arte e Cultura do Centro Integrado de Cultura (CIC), em Florianópolis, a partir das 19h. Será obrigatório o uso de máscaras.

Para mais informações sobre o evento acesse:

https://www.udesc.br/faed/noticia/professora_voluntaria_da_udesc_faed_lanca_livro_sobre_biblioteca_escolar